
O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais¹

Specialized educational service in the covid-19 pandemic: teachers' practices in multifunctional resources classrooms

Luciene Barbosa Vitor Lima
Aline Maira da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Dourados-Brasil

Andressa Santos Rebelo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Corumbá-Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é caracterizar e analisar a atuação dos professores das salas de recursos multifuncionais (SRM) durante a pandemia de Covid-19. Foi realizada pesquisa exploratória descritiva, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foram realizadas sessões de grupo focal. Participaram do estudo os professores das SRM que ofertam atendimento educacional especializado na rede municipal de ensino de uma cidade do interior de Mato Grosso do Sul. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Observou-se o impacto que a pandemia causou na rotina de atendimento dos estudantes. Destaca-se o importante papel desempenhado pelo professor da SRM por intermédio de ações de apoio e colaboração, apontando os desdobramentos, esforços e estratégias pedagógicas para promover a inclusão escolar.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado; Salas de Recursos Multifuncionais; Covid-19.

Abstract

This paper aims to characterize and analyze the performance of the teachers in multifunctional resources classrooms (MRC) during the Covid-19 pandemic. We carried out a descriptive exploratory research, with qualitative approach. Focus group sessions were performed for data collection. The study included MRC teachers who offered specialized educational service in the municipal school system of a city in the countryside of Mato Grosso do Sul. The data was analyzed by content analysis. The impact that the pandemic has had on the routine care of students was observed. We highlight the important role played by the MRC teacher through support and collaboration actions, pointing out the consequences, efforts, and pedagogical strategies to promote school inclusion.

Keywords: Specialized Educational Service; Multifunctional Resources Classrooms; Covid-19.

Introdução

O Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais foi criado pelo governo federal no ano de 2007, sob responsabilidade do Ministério da Educação para a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (BRASIL, 2007). Desde então, os governos estaduais e municipais vêm implementando salas de recursos multifuncionais (SRM) nas escolas brasileiras, a partir do recebimento de materiais pedagógicos e de tecnologia assistiva disponibilizados pelo programa, processo que foi acompanhado por investigações sobre a atuação e formação dos profissionais envolvidos (KASSAR; 2014; VILARONGA, 2014; ZERBATO, 2014).

Em pesquisa realizada em âmbito nacional com professores de SRM em diferentes estados do país, a maioria dos participantes apontou a necessidade de outro profissional na SRM e falta de preparo para exercer suas atividades. A formação foi destacada como possibilidade para o aprimoramento de seus conhecimentos e a maior parte dos professores via-se reconhecida pela escola e pela família (PASIAN; MENDES; CIA, 2017a). Estudo realizado na rede municipal de ensino de uma metrópole brasileira da região Sudeste constatou um distanciamento significativo entre a formação e o trabalho com a diversidade do público-alvo da Educação Especial, de modo a interpor dificuldades na prática pedagógica (OLIVEIRA; PRIETO, 2020).

O Censo Escolar da Educação Básica aponta a redução da cobertura do AEE no país entre 2016 e 2020, ou seja, ampliaram-se as matrículas de alunos público-alvo da Educação Especial no ensino comum, mas o número de matrículas em AEE não acompanhou esse crescimento (BRASIL, 2021), o que pode ser comprovado também em pesquisas de campo (SANTOS *et al.*, 2017).

Devido à pandemia de Covid-19, desde o primeiro semestre de 2020 inúmeros países, entre os quais o Brasil, tiveram as atividades presenciais nas escolas total ou parcialmente suspensas (UNESCO, 2021; BRASIL, 2020), com impactos para o público-alvo da Educação Especial (ANPED; ABPEE, 2020). A pesquisa de Borges *et al.* (2021), realizada junto a familiares de diferentes localidades do país, demonstrou que durante a pandemia a maioria dos alunos público-alvo da Educação Especial não contou com atividades planejadas. A autonomia ficou comprometida e muitos deles não conseguiram realizar as atividades sem apoio. Será necessária atenção no retorno desses alunos para as escolas nas aulas presenciais. Muitos deles perderam habilidades e vão precisar se readaptar aos espaços

físicos, ser reavaliados em suas competências pedagógicas e, conseqüentemente, poderão precisar da elaboração de planos individuais que levem em consideração os prejuízos desse período e que propiciem a acessibilidade curricular.

Tendo em vista os desafios anteriormente apresentados e os que dizem respeito ao contexto pandêmico para a Educação, neste artigo objetiva-se caracterizar e analisar a atuação dos professores responsáveis pelas salas de recursos multifuncionais durante a pandemia de Covid-19.

Procedimentos metodológicos

Foi realizada pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritivo exploratória (MARCONI; LAKATOS, 2002).

A pesquisa foi desenvolvida em uma cidade de pequeno porte no interior do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste. O município possui três escolas municipais e oito centros de Educação Infantil, além de quatro escolas estaduais e uma faculdade privada. Em relação à Educação Básica, na rede municipal de ensino, a Secretaria Municipal de Educação possui uma coordenação responsável pela Educação Especial que atua em conjunto com os professores especialistas² desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano).

O estudo foi desenvolvido em três escolas comuns da rede municipal de ensino. O critério para seleção das escolas foi possuir SRM. O levantamento das escolas que se enquadravam no perfil exposto foi realizado junto à Secretaria Municipal de Educação. Após a autorização da Secretaria, foi estabelecido o contato com as escolas selecionadas, para agendamento da apresentação do projeto de pesquisa, na qual solicitou-se o aceite para participação. As escolas foram denominadas por A, B e C, a fim de evitar a sua identificação.

Participaram da pesquisa cinco professores das SRM, na rede municipal de ensino, que atendiam ao critério estabelecido. A fim de evitar a identificação dos participantes, foram atribuídos nomes fictícios. O Quadro 1 apresenta a caracterização dos docentes participantes.

Mediante a anuência dos gestores, foi realizado contato junto aos professores para apresentação da pesquisa e dos procedimentos de coleta de dados. Para os professores que concordaram participar da pesquisa, foi solicitada assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais

Quadro 1 - Caracterização dos professores participantes.

Professor	Escola	Idade	Formação inicial	Formação continuada	Tempo de atuação nas SRM
Clara	A	49	Pedagogia	Especialização na área de Educação e de Educação Especial	13 anos
Antônia		36	Ciências Biológicas e Pedagogia	Especialização na área de Educação e de Educação Especial	2 anos
Maria	B	29	Letras e Pedagogia	Especialização na área de Educação Especial	6 meses
Joana		45	Normal Superior	Especialização na área de Educação Especial	2 anos
João	C	53	Normal superior	Especialização na área de Educação Especial	11 anos

Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Foram realizados quatro encontros de grupo focal (RESSEL *et al.*, 2008) entre os meses de maio e julho de 2020. Devido a pandemia de Covid-19, as reuniões de grupo focal ocorreram de forma remota, por meio da ferramenta de videoconferência *Google Meet*. Cada encontro teve duração entre trinta minutos e uma hora. Todas as reuniões foram gravadas e transcritas. Durante os encontros, os seguintes temas foram propostos para discussão: práticas pedagógicas desenvolvidas nas SRM; parceria entre a família e escola; dificuldades enfrentadas.

A partir das transcrições das reuniões de grupo focal foram definidas unidades de análise que, posteriormente, foram organizadas em quatro categorias: a) Relação entre os profissionais envolvidos no processo de inclusão escolar (professores regentes, profissional de apoio, professores das SRM); b) Obstáculos encontrados; e c) Facilitadores e dificuldades enfrentadas durante a pandemia de Covid-19. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, técnica que possibilita a verificação de questões e a “descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos” (MINAYO, 2001, p. 74).

Resultados e discussão

1. Relação entre os profissionais envolvidos no processo de inclusão escolar

O relato dos professores sobre a relação com os profissionais envolvidos no processo de inclusão escolar durante a pandemia mostra os impactos desta na rotina de atendimento aos estudantes, principalmente em relação à participação e à construção do conhecimento,

além da dificuldade em relação à confecção e à adequação das atividades. Os professores também mencionaram como consequência da pandemia o rompimento do contrato dos profissionais de apoio escolar no município, conhecidos como auxiliares do AEE.

Todos os dias a gente trocava ideias a respeito do que fazer, o auxiliar vinha até mim, trocava ideia de acordo com o tempo disponível que eu tinha e tudo que eles precisavam para confeccionar algum material. [...] mas nesse período os auxiliares foram dispensados, então nós estamos fazendo os materiais para os alunos, levando uns trabalhos em casa. [...] Agora estou fazendo tudo isso sozinho, porque os auxiliares foram dispensados, alguns eram readaptados e outros passaram no seletivo e foram dispensados (João).

As discussões feitas pelos professores demonstraram como a estruturação técnica e burocrática do último concurso realizado pelo município impactou as atividades da equipe responsável pela política de inclusão escolar:

Os profissionais de apoio foram dispensados porque houve o concurso e provavelmente serão chamados os que passaram para assumir a vaga, aí começa tudo de novo (Clara).

Uma das professoras ressaltou que a relação com os demais profissionais envolvidos no processo de inclusão escolar se tornou menos frequente e mais complexa com a pandemia e a necessidade de distanciamento social:

No início desse ano a gente teve pouco contato porque logo já saímos por causa da pandemia e ficou essa dificuldade, esse ano eu tive um pouco mais dificuldade no contato direto, mas com os professores a gente tem um contato bom (Joana).

Os professores explicaram que apesar do agravamento da pandemia, continuaram atendendo os familiares presencialmente em alguns casos, para entrega do material das atividades planejadas para o ensino remoto. A medida foi adotada porque, apesar de reconhecer o risco, os professores não encontraram outra alternativa para a entrega das atividades impressas, já que a maior parte das escolas se localiza em regiões periféricas ou rurais, o que impossibilita o ensino remoto via internet.

Os professores ressaltaram que, durante a pandemia, o auxílio dos profissionais de apoio tem sido menos frequente, e as atividades concentraram-se sob sua responsabilidade. O trecho a seguir ilustra esse quadro.

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais

Não tive auxílio dos profissionais de apoio por causa do isolamento e não querendo deixar os alunos ociosos no processo de aprendizagem a gente tem desenvolvido atividades em casa, [...] planejando, usando materiais lúdicos e pedagógicos para eu poder entregar esses materiais em casa (Maria).

Em algumas escolas os estudantes têm menor acesso a tecnologias digitais, devido a condições econômicas desfavoráveis e pelo fato de alguns deles morarem no campo, apresentando dificuldades de acesso à internet, situação semelhante à de alunos de outras regiões do estado (NOZU; KASSAR, 2020).

[...] a gente prepara material, não é Antônia? Só que não temos como entregar, então quem entrega é a direção da escola, porque são alunos da zona rural. A gente prepara o material e às vezes, tem aluno que... Por exemplo, o marido da professora Joana trabalha numa fazenda em que uma aluna reside, então ele leva esse material. Para outros alunos que moram na zona rural, a gente prepara o material e o diretor vai com o motorista entregar para eles (Clara).

De maneira geral, os professores evidenciaram que o contato com os demais profissionais ocorreu de maneira razoavelmente satisfatória, maior com alguns alunos e menor com outros, no entanto, se tornou menos frequente durante a pandemia, contribuindo para que eles se sentissem sobrecarregados.

2. Obstáculos encontrados

Os professores se manifestaram sobre a forma como realizam a entrega das atividades e recebem o retorno delas por parte dos familiares dos alunos. Os professores avaliaram que a entrega e a realização das atividades dependem de vários fatores, como o contexto social e econômico das famílias.

A gente tem que fazer a entrega de material, porque eles não têm tanta conectividade com celular e internet, muitas vezes a gente deixa disponível para eles, e esclareço: “Qualquer coisa me dá um toque na hora em que vocês estiverem livres, a gente está aqui para ajudar!” A qualquer hora do dia nós estamos à disposição, caso precisem que nós façamos algum auxílio por ligação para esclarecer o conteúdo, para ver como estão realizando as atividades, ter algum retorno deles. Eles não costumam encaminhar, pois alegam o fato de a família encontrar dificuldade. A maioria dos pais tem pouco estudo, eles acabam sendo mais devagar nesse processo, tanto as atividades da sala regular quanto as atividades que a gente projeta para eles. O contato tem que ser muito via telefone [...] (Maria).

Quanto ao momento de pandemia e as mudanças atinentes às aulas remotas, os professores refletiram sobre os reflexos ocorridos na rotina de atendimento dos professores das SRM:

As dificuldades dizem respeito à efetivação do trabalho, com a parceria com os professores de sala de aula [...]. Às vezes, o professor acha que o trabalho com a criança com deficiência é da responsabilidade do AEE (Joana).

A dificuldade é que tem muitos casos, em que alguns professores de sala colocam que “esse aluno é do professor João”. [...] Sempre coloco para eles o seguinte: eu sou um parceiro, estou aqui para ajudar vocês para contribuir com vocês, mas o aluno é de vocês, então o que vocês precisarem me procurem, a gente vai correr atrás, vai pesquisar, porque eu também não sei muita coisa não (João).

Sobre a atuação dos professores responsáveis pelas SRM, tem-se a crítica sobre esse profissional ser responsável por atender uma ampla variedade de especificidades dos estudantes público-alvo da Educação Especial (VAZ; GARCIA, 2016): um mesmo espaço para atender diferentes demandas e características do público nele atendido, também requereria um docente “multifuncional”. Ao que parece, no momento de pandemia, essas ações precisaram ser ampliadas para além das atividades pedagógicas.

Ainda sobre as condições de trabalho, em outras localidades do país apresentam-se situações semelhantes. O quantitativo de SRM implementadas na rede municipal de ensino da capital de um estado da região Norte, mostrou-se insuficiente para atender o aumento de matrículas do público-alvo da Educação Especial no ensino comum; estimando-se um déficit de trinta SRM para atender a demanda existente (SANTOS et al., 2017).

Um dos professores também pontuou como uma das dificuldades os aspectos burocráticos do trabalho e a falta de tempo:

[...] na questão burocrática tenho muita dificuldade, na elaboração do PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) tenho uma dificuldade enorme, tenho que me desdobrar mais. A gente troca uma ideia com a equipe e vai se aprimorando. A dificuldade é o tempo, como a Clara colocou: as demandas são muitas, é bastante aluno (João).

Problemas em relação aos aspectos burocráticos e ao excesso de atribuições parecem ser recorrentes. Papi (2018), em pesquisa desenvolvida com professores de SRM de escolas estaduais, apontou fragilidades no desenvolvimento profissional dos iniciantes, que sentem dificuldades relacionadas à prática pedagógica e à burocracia, mesmo tendo

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais
formação específica na área. Os docentes entendiam-se estranhos à escola, buscando alternativas para suprir as lacunas existentes em relação à prática profissional.

Os professores esclareceram sobre os recursos que utilizam.

[...] como a Clara colocou, o que precisamos a gente vai até a coordenação da Educação Especial e “chora”. Ela tenta arrumar, corre atrás, em muitos casos compra, se tiver dentro da licitação da prefeitura é adquirido o material. A escola sempre passou o que eu precisava, do resto a gente vai fazendo sucata e improvisando (João).

[...] faço uso dos jogos pedagógicos. As famílias não compreendem a intenção daquilo. Até quando a gente manda um jogo para realizar, tem que passar o tempo explicando, dizendo o que ele vai aprender com aquilo, qual é a importância. [...] Como eles são crianças e adolescentes que não tem facilidade para trabalhar com as ferramentas digitais e como muitos não tem acesso à internet, eu não posso fazer uma live como esta e conversar por meio do Google Meet. Seria uma forma para alcançá-los, só que eu não consigo fazer assim. Nós vamos na tentativa, tentando estabelecer uma relação, para que esses alunos não fiquem com o processo de aprendizagem totalmente interrompido (Maria).

Também foi evidenciada pelos professores a necessidade de parcerias com os demais setores das políticas públicas para oferecer outros atendimentos especializados aos estudantes, que contribuam para a sua aprendizagem.

[...] precisamos de mais parceiros. Às vezes, precisamos que um dos nossos alunos faça sessões de fonoaudiologia, e aqui só tem uma fonoaudióloga que atende o município inteiro. Não tem espaço, precisamos de mais parceiros (Maria).

A coordenação da Educação Especial falou que esse ano estavam tentando a participação de uma oftalmologista, mas com a pandemia acho que ficou meio parada essa relação. Na fonoaudióloga também é bem difícil (Antônia).

Assim como averiguado no município em questão, a pesquisa nacional sobre o AEE em SRM, mencionada anteriormente, registrou dificuldades no atendimento em horário contrário à sala de aula comum, número de salas insuficiente em algumas regiões brasileiras e a necessidade de apoio de outros profissionais (PASIAN; MENDES; CIA, 2017b).

Os professores relembaram o papel fundamental da formação, assinalando como o diálogo e a troca de saberes entre os professores das SRM podem contribuir para o registro de avanços na política de inclusão escolar. João aborda a importância que deposita na formação, por meio de uma fábula:

É aquela história do machado, do lenhador, ele foi para o ambiente de trabalho com machado afiado cortou, cortou, cortou com o passar do tempo ele trabalhava muito e cortava menos do que cortou no início. Ele precisava afiar esse machado. Então sempre precisa de uma formação, eu costumo falar que nós estamos sempre em mudança e em movimento. Precisamos nos atualizar, porque com essa ferramenta nova de reunião aqui, é a primeira vez que eu participo (João).

[...] formação eu acho, que nem o João disse, precisamos de novas políticas (Clara).

A respeito da formação, o estudo em rede nacional sobre as SRM já mencionado contou com momentos de formação continuada com professores que atuavam no AEE. Destacou-se a necessidade de que as propostas de formação assumam os professores como mediadores do conhecimento, o currículo como uma prática cultural aberta a novas experiências e “a escola como um cotidiano que pode ser reinventado” pelas ações de seus participantes (VIEIRA; RAMOS; SIMÕES, 2018, p. 1).

Uma das professoras ressaltou que a maior dificuldade é conhecer os estudantes e identificar suas necessidades já que o contato foi reduzido devido à pandemia.

[...] a minha dificuldade ainda é em conhecê-los. Em ter a facilidade de fazer a sondagem, de ver quais são as habilidades que eles precisam. Eu coletei um pouco com a Joana que tem muita informação para dar, um pouco da família e com a família. Como o João falou, nós temos questões mais graves na periferia da cidade, eles também não conseguem se expressar para dizer sobre o próprio aluno e nesse tempo de pandemia tudo para eles acaba sendo muito cansativo, em estimular, em tentar produzir e desenvolver com o aluno, porque eles não têm essa experiência. Às vezes, eles falam: “Ah, professora eu acabei de explicar e ele já esqueceu!” (Maria).

Também foram relatadas dificuldades inerentes à relação com a família, uma vez que, de acordo com a opinião dos professores, neste momento de pandemia os estudantes e os familiares se sentiam perdidos, angustiados e desamparados.

[...] é difícil, semana passada mesmo eu tentei falar com uma mãe. O pai atendeu e passou o telefone para mãe, e a mãe ficava jogando o telefone e eu escutando. Então, eles também se sentem pressionados e desamparados. Nós estamos vivendo um tempo muito difícil, mas vamos superar e ter a tolerância, cuidado, paciência de lidar com todos (Maria).

Durante a pandemia, a relação entre escola e família foi dificultada, mas foi possível estabelecer algumas ações conjuntas. Foi possível verificar, nos relatos dos professores, que alguns pais ou responsáveis tiveram dificuldades de acesso ou de compreensão para o uso

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais

das tecnologias digitais e de comunicação e atividades remotas. Além disso, em alguns casos, os responsáveis tinham baixo nível de instrução formal e pouca compreensão das atividades, o que dificultava o processo de orientar seus filhos durante a execução das atividades. Com isso, torna-se fundamental que os professores organizem atividades, considerando a realidade social e cultural em que o estudante está inserido. É possível planejar atividades com enunciados de fácil compreensão e com chamadas autoexplicativas. Em alguns casos, o uso do áudio encaminhado por meio de aplicativos de celular com uma linguagem informal pode ajudar na compreensão das atividades.

3. Facilitadores e dificuldades enfrentadas durante a pandemia de Covid-19

Evidenciou-se que o processo de ensino e aprendizagem tem sido marcado por dificuldades durante a pandemia, pois o contato direto com os estudantes, segundo a opinião de uma professora, é fundamental no processo de inclusão escolar:

[...] antes tínhamos facilidade de acesso ao estudante, tanto no horário da aula quanto no contra turno, usávamos várias técnicas dentro da sala e fora dela. Está muito difícil, muito mesmo, as atividades vão e não voltam. Eu só tive um retorno até agora e o restante não tem devolutiva. E há dificuldades também em fazer atividades diferenciadas. É complicado para nós, porque as mães não têm a disponibilidade para fazer do jeito que é para ser feito. Eu acho que até as mães de alunos sem deficiência tem essa dificuldade, porque a gente vê mães reclamando o tempo todo, imagina do estudante com deficiência intelectual, tem mais dificuldade ainda. [...] Sobre a atividade, eu explico pessoalmente para mãe. Eu tive que ir na casa para entregar porque os pais não vieram buscar, porque eu acho que tinha cinco estudantes. Eu fui na casa para entregar as atividades e expliquei como era para ser feito, e dessas mães só uma deu devolutiva. Essa semana vou recolher as atividades, ver se eles conseguiram fazer e elaborar outras (Joana).

Um dos professores complementou a argumentação anterior, destacando que a pandemia trouxe sobrecarga mental e emocional:

[...] a cabeça está a mil, medo da doença, medo de tudo, da família ficar doente, já tive sobrinha com Covid. Nossa! Está feia a situação (João).

A sobrecarga de trabalho já era registrada em outras regiões do país antes da pandemia, devido ao fato das ações da Educação Especial se centrarem nas SRM (SIEMS; ALVES, 2018), o que já impactava a saúde mental dos professores responsáveis por elas. Verificou-se a existência de síndrome de *burnout* entre professores regentes com turmas com alunos com deficiência e de SRM, por influência das condições de trabalho, interferindo na saúde emocional do professor (SILVA et al., 2015). Medidas para avaliar o trabalho e

saúde do professor, bem como a necessidade de intervenções que favoreçam melhores condições de trabalho e práticas educativas (SILVA et al., 2015) fazem-se ainda mais urgentes no contexto atual.

Os professores expuseram como se realizava o atendimento aos alunos com deficiência intelectual e outras condições específicas durante a pandemia e o impacto do distanciamento social e das aulas remotas para o aprendizado dos estudantes público-alvo da Educação Especial. Evidenciaram que o ensino remoto tem impossibilitado perceber as dificuldades apresentadas pelos estudantes:

[...] eu já peguei a sala durante a pandemia, mas em termos de sala de aula, a gente percebia a dificuldade daquele estudante, fazia atividades moderadas para poder auxiliar esse aluno, tentando fazer com que ele alcançasse o máximo de habilidades possíveis. Fazemos umas readaptações em sala de aula. [...] Em sala de aula, quando a gente percebe a dificuldade do aluno, realizo atividades diferenciadas para tentar estimulá-los a ter mais habilidades, respeitando o tempo deles; faço as atividades que estão bem adaptadas em sala de aula. [...] (Maria).

Ainda sobre o atendimento dos alunos durante a pandemia, os professores esclareceram como mantinham o contato durante as atividades remotas, evidenciando que utilizavam jogos e atividades personalizadas:

Eu tenho feito atividades personalizadas para eles, que já apresentam orientações. O enunciado da atividade é bem explicativo, tem o espaço para as respostas. Realizo atividades adaptadas de jogos com orientações, para a cognição. As atividades para a prática motora são todas esclarecedoras, com linguagem extremamente simples para que possam fazer a leitura e compreender o que é para ser feito, aonde assinalar. Nos jogos eles estão bem. Para que eu possa avaliar o aluno ele não vai devolver o jogo, mas tem um campo em um quadro onde ele vai dizer quantas partidas realizou, quem ganhou. E depois eu questiono os pais (Maria).

Os professores relataram que a entrega das atividades se transformou no decorrer da pandemia, já que no início eles conseguiam ir à casa dos estudantes entregá-las, mas com o aumento do nível de contágio e número de casos não puderam mais fazer tais ações.

Até aproximadamente um mês atrás antes de começar a ter tantos casos eu realizava a entrega em casa. Teve uma única vez que eu não os encontrei, e deixei um prazo maior para a entrega. Eu explicava para o pai e para mãe como realizar as atividades, além do que já estava escrito e proposto nela. Há um mês, com o aumento dos casos, entrei em contato e falei que não iria mais até a casa deles, para não os expor e não ser exposta, por segurança. As

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais

entregas estão sendo feitas agora na escola e houve queda nos retornos. Não há mais a devolutiva, que já era pequena quando a gente ia: “Eu estou fazendo as atividades de sala de aula, depois eu vou fazer a sua”; entregava uma atividade ou outra. Acabamos não tendo acesso, por mais que a gente mande mensagem, tente entrar em contato, ligue para irem à escola realizar as atividades, trazer a devolutiva e levar atividades novas (Maria).

O professor João contou como estava incidindo a relação com os demais professores durante as aulas remotas, sobre eventuais encontros presenciais quando necessário e sobre as dificuldades relatadas pelas famílias:

Conversamos com os professores, quando precisam eu vou à escola enviar alguma coisa da minha sala. Levo para o aluno, falando: “Desenvolve a atividade, se precisar eu levo”; se precisar de mais alguma coisa para auxiliar esse aluno lá na casa dele. Mas não está sendo fácil, as devolutivas estão muito devagar, muito mesmo. [...] Encontrei uma mãe na rua e perguntei: “E as atividades, como é que estão?”. Ela me respondeu: “Está difícil, tem dias que ele simplesmente não quer fazer nada”. Aí eu falei: “No dia que ele não quiser fazer nada você não fica brava não, fala que está tudo bem, depois a gente faz, porque se ficar brava, aí é que ele não vai querer fazer mesmo” (João).

A professora Clara avaliou que o trabalho era mais fácil de ser realizado antes da pandemia, esclarecendo que embora os professores elaborassem as atividades de maneira adequada, não conseguiam garantir que os estudantes as fizessem, devido a fatores como a falta de apoio e tempo da família, dificuldades para compreender as atividades sem a orientação do professor, entre outras:

Antes da pandemia eu estava em contato direto com aluno, com o professor, com as famílias e com certeza o retorno era outro. [...] Agora, eu não vou na casa levar as atividades, a estratégia que nós adotamos foi deixá-las na escola e mandar mensagem para que os pais as busquem, da mesma forma que os outros alunos. [...] O diretor e os professores mandam mensagens, a gente fez dessa forma para que eles possam buscar as atividades na secretaria da escola. Fazemos as orientações via WhatsApp. [...] Tem umas meninas que estão no quinto ano e tem deficiência intelectual. Nós elaboramos uma apostila para elas fazerem em casa, fizemos as adequações porque o professor de sala enviava para elas, e elas não estavam dando conta de fazer sem a orientação pedagógica e a mãe não conseguia fazer as orientações. Nós fizemos uma apostila dentro do que o professor estava trabalhando, com algumas adequações, com grau de dificuldade menor. Só que eu não sei como está, porque eu mando mensagem para a mãe falando “mãe, como que estão as atividades, manda a foto para mim” e ela responde “vou mandar”. Enviei quatro semanas seguidas e a mãe não retornou, não me deu respostas. Não vou insistir mais porque é difícil, você ficar mandando mensagem... E a mãe não te dar um retorno (Clara).

Destaca-se nesse e em outros fragmentos o protagonismo das mães na educação

dos filhos que fazem parte do público-alvo da Educação Especial. As mulheres são as principais responsáveis pelos cuidados e educação dos filhos com deficiência, o que também tem se mostrado durante a pandemia (BORGES et al., 2021). Embora não haja dados confiáveis no Brasil sobre abandono paterno face ao nascimento de um filho com deficiência, há dados que apontam o crescimento de famílias chefiadas por mulheres no Brasil nos últimos anos (BORGES et al., 2021).

É importante evidenciar que as dificuldades com as atividades e aulas remotas marcam o cotidiano dos professores, dos estudantes e das famílias. Nem todos os pais têm os conhecimentos, habilidades e o tempo necessário para assessorar os filhos na execução das atividades. A professora Clara exemplifica:

Tem um aluno que faço acompanhamento que não me dá a devolutiva das atividades. Os professores de sala fizeram o apostilado do ano em que ele está. Como ele está no sétimo ano, já dá conta de acompanhar. Ele troca de número, não gosta de estudar, na verdade. Tem outro aluno que acompanhamos que como não está na aula, tem dias que vai trabalhar. No entanto, ele é bem empenhado e a mãe também. À noite liga para mim ou para a intérprete e a gente faz as atividades. Ele quer saber, tirar as dúvidas. [...] Fazemos as orientações com os professores sobre como adequar as atividades, orientar as famílias, realizar atividades mais práticas com vídeos e brincadeiras. Daí os professores estão fazendo dessa forma (Clara).

Durante o grupo focal foi possível averiguar o quanto a parceria entre escola e família tornou-se ainda mais necessária. Nas famílias com as quais os professores conseguiram manter um contato frequente, a realização das atividades que propiciavam o desenvolvimento dos estudantes não cessou. Este contato possibilitou que os alunos não tivessem seu processo de aprendizagem freado por conta da pandemia, ainda que tivessem sido observadas desvantagens no ensino remoto.

Considerações finais

A relação entre professores e famílias precisa ser baseada em acolhimento e respeito, sem que nenhuma das partes seja sobrecarregada e nem deixe de reconhecer a participação importante que tem neste processo. Ao mesmo tempo em que a pandemia apresentou dificuldades a serem enfrentadas, trouxe consigo mudanças significativas. Parte dos pais se aproximou dos professores e, apesar dos problemas de acesso às tecnologias digitais, parcela dos docentes vem conhecendo formas de atuar por meio delas, já que seu uso na Educação é reduzido.

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais

O momento atual evidencia o aprofundamento das desigualdades sociais, as “limitações do modelo de educação remota, o acirramento das exclusões de determinados grupos sociais, a intensificação do trabalho docente e os impedimentos de convívio com o outro”. De outra parte, revela a potência da escola, os esforços docentes, o envolvimento da família e a resiliência do ser humano diante de um mundo em estado de exceção. Por esses motivos vem sendo possível mostrar a força da escola como espaço público, comum e democrático de encontro com o outro (MENDES; PLETSCHE; LOCKMANN, 2020, p. 5-6).

Os resultados evidenciaram os diferentes desafios enfrentados pelos professores das SRM e o empenho destes professores, assim como de toda a comunidade escolar, para encontrar respostas e estratégias capazes de garantir aos alunos público-alvo da Educação Especial, ao menos minimamente, a continuidade do processo de ensino e aprendizagem.

Referências

ANPEd. ABPEE. **Manifestação do Grupo de trabalho de Educação Especial (GT15) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE), acerca do Parecer CNE/CP n.11/2020, em sua versão pré-homologação.** Vitória, 2020. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/images/manifestacao_do_gt15anped_e_abpee.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2020: resumo técnico.** Brasília, DF: INEP, 2021.

BRASIL. MEC. CNE. CP. **Resolução n. 11/2020**, de 7 de julho de 2020. Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. Brasília, 2020.

BRASIL. MEC. **Portaria Normativa n° 13**, de 24 de abril de 2007, que dispõe sobre a criação do “Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais”. Brasília, 2007.

BORGES, Adriana Araújo Pereira. et al. **Impacto da Covid-19 na educação de alunos com deficiência: o que dizem os familiares.** Belo Horizonte: UFMG, 2021.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. A formação de professores para a educação inclusiva e os possíveis impactos na escolarização de alunos com deficiências. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 34, n. 93, p. 207-224, maio/ago., 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados.** 5 ed. São Paulo: Altas, 2020.

MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; PLETSCHE, Marcia Denise; LOCKMANN, Kamila. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-6, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOZU, Washington Cesar Shoití; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros em tempos de COVID-19. **Práxis Educativa**, v.15, 2020.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; PRIETO, Rosângela Gavioli. Formação de Professores das Salas de Recursos Multifuncionais e Atuação com a Diversidade do Público-Alvo da Educação Especial. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 26, n. 2, p.343-360, abr./jun., 2020.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. Desenvolvimento profissional de Docentes Iniciais na Educação Especial. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 747-770, abr./jun. 2018.

PASIAN, Mara Sílvia; MENDES, Enicéia Gonçalves; CIA, Fabiana. Atendimento educacional especializado: aspectos da formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n.165, p.964-981 jul./set., 2017a.

PASIAN, Mara Sílvia; MENDES, Enicéia Gonçalves; CIA, Fabiana. Aspectos da organização e funcionamento do atendimento educacional especializado: um estudo em larga escala. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, 2017b.

RESSEL, Lúcia Beatriz et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto & Contexto - Enfermagem [online]**, v. 17, n. 4, 2008.

SANTOS, João Otacílio Libardoni dos. et al. Demanda de Alunos matriculados e a oferta de salas de recursos multifuncionais na rede municipal de Manaus-AM. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 23, n. 3, p. 409-422, jul./set., 2017.

SIEMS, Maria Edith Romano; ALVES, Wellington. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva no município de Boa Vista, Roraima. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 38, n. 106, p. 267-280, set./dez., 2018.

SILVA, Nilson Rogério da; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. O trabalho do professor, indicadores de burnout, práticas educativas e comportamento dos alunos: correlação e predição. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 21, n. 3, p. 363-376, jul./set., 2015.

UNESCO. **Educação**: da interrupção à recuperação. Impacto da COVID-19 na Educação. 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso: 16 jun. 2021.

VAZ, Kamille; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. O professor de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: reflexões acerca da articulação entre o modelo de professor e o projeto de escola. In: ANPED SUL, 11, 2016, Curitiba-PR.

O atendimento educacional especializado na pandemia de covid-19: práticas dos professores das salas de recursos multifuncionais

VIEIRA, Alexandre Braga; RAMOS, Ines de Oliveira; SIMÕES, Renata Duarte Simões. Inclusão de alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento: atravessamentos nos currículos escolares. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e180213, 2018.

VILARONGA, Carla Ariela Rios. **Colaboração da Educação Especial em sala de aula: formação nas práticas pedagógicas do coensino.** 216 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

ZERBATO, Ana Paula. **O papel do Professor de Educação Especial na proposta do coensino.** 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

Notas

¹ O artigo é oriundo de dissertação da primeira autora.

² Professor especialista é o termo utilizado para caracterizar os profissionais da rede que possuem uma graduação e uma especialização na área da Educação Especial.

Sobre os autores

Luciene Barbosa Vitor Lima

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Grande Dourados e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: luciene51.lima@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0657-5118>

Aline Maira da Silva

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos, mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: alinesilva@ufgd.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8439-0477>

Andressa Santos Rebelo

Graduação em Matemática-Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mestrado em Educação e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Realiza estágio pós-doutoral pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: andressarbl@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1873-5622>

Recebido em: 15/07/2021

Aceito para publicação em: 13/08/2021